

NO CONGRESSO

Federal
Partido formaliza escolha de José Sarney para a presidência do Senado e agora vai tentar aparar as arestas entre as duas alas que disputam o comando da legenda

Bruno Stuckert/Folha Imagem



SARNEY (C), AO LADO DE RENAN (E) E TEMER: PARTIDO TENTA ARRUMAR A CASA PARA BUSCAR A UNIDADE E EVITAR PREJUÍZO MAIOR DENTRO DO CONGRESSO

Thiago Vitale Jayme
Da equipe do Correio

A primeira etapa para tentar unir o PMDB foi finalizada ontem. A cúpula e a ala dissidente do partido apertaram as mãos e sacramentaram um acordo que definiu a indicação de José Sarney (AP) para presidência do Senado, com o devido aval do PT e do governo federal. Depois de um mês de negociações e disputas nos bastidores, Renan Calheiros (PMDB-AL) desistiu da candidatura à chefia da Casa e abriu caminho para o ex-presidente. A costura só foi possível porque cúpula e dissidência decidiram resolver cada problema ao seu momento e separadamente. As discussões sobre as lideranças das bancadas na Câmara e no Senado e a distribuição de parlamentares pelas comissões serão feitas mais tarde. Outra questão importante será a de aparar as arestas que sobraram da negociação.

Além de desvincular as escolhas dos líderes do acordo de ontem, a executiva nacional suspenderá a intervenção feita no diretório paulista e a convenção extraordinária convocada para o dia 16 de fevereiro pela ala dissidente cai no esquecimento. Há, porém, uma negociação interna já posta.

O ex-candidato Renan Calheiros, membro da cúpula, recebeu tratamento especial tanto por parte dos dissidentes quanto

PMDB unido, por enquanto

dos petistas. Seguirá como líder do PMDB no Senado até setembro, quando assumirá a presidência do partido, tomando o lugar do deputado Michel Temer (SP). "É bom destacar o gesto de Renan, que desistiu da candidatura em nome da unidade do partido", disse o senador eleito Aloizio Mercadante (PT-SP), representante do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na reunião de divulgação do acordo.

Mercadante cancelou sua presença no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, para participar do encontro. Demonstração da importância que o governo dá ao acerto peemedebista. Não é para menos. Com a escolha de Sarney e o fortalecimento da ala que apóia o governo federal, o PT consegue a maioria

mínima para aprovar seus projetos no Congresso e chega perto do número necessário de parlamentares para aprovar as reformas. As portas de cargos no governo ao PMDB voltam a se abrir. "Vou trabalhar para aprovar as reformas e fazer valer o programa de governo do presidente Lula", avisou Sarney. É a primeira grande vitória da administração de Lula no parlamento depois da posse. "Esse acordo é o início da reunificação do PMDB", afirmou Temer.

Mas arestas ainda existem para serem acertadas. Uma vem de São Paulo e chama-se Orestes Quérnia. O ex-governador é inimigo da cúpula e líder do diretório paulista. Ele é contra o acordo e está uma fera. Quérnia defende que Michel Temer deixe a presidência do partido imedia-

tamente e não em setembro, como ficou acertado. É possível que Quérnia seja simplesmente isolado no partido. Sarney, seu aliado até quinta-feira, irritou-se com a irredutibilidade do paulista. Até o governador do Paraná, Roberto Requião, foi amansado pelo ex-presidente.

A outra aresta importante vem do Rio Grande do Sul. Pedro Simon insiste em ser líder no Senado a partir de primeiro de fevereiro. Pelo acordo, ele assumiria o posto em setembro, com a ida de Renan para a presidência do partido. Cúpula e dissidência tentarão convencer o gaúcho até o próximo dia 30, quando a bancada definirá quem será o líder. Se não conseguirem, haverá eleição interna entre Renan e Simon. Será difícil. O alagoano está em alta com as duas alas do partido, além do PT.

Na questão da liderança da Câmara, o PT também conseguiu uma vitória. Três nomes apareciam como candidatos: o atual líder, Geddel Vieira Lima (BA), e os deputados Eunício Oliveira (CE) e Barbosa Neto (GO). Geddel tem restrições de vários deputados petistas e foi convencido a deixar o cargo. Ficará com a vice-presidência da Câmara. Com isso, o cearense e o goiano estão em plena campanha. Tudo como quer o PT. Eunício chegou a coordenar a campanha de Lula em Fortaleza e o PMDB goiano apoiou o presidente no segundo turno.